



Um Novo Conceito de Família – Uma Análise do Filme “De Repente, Califórnia”¹

João Ricardo Ribeiro²

Joseline Pippi³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

A família tradicional, há muito estereotipada, vive transformações no decorrer da liberdade das classes. O conceito de família veio se ramificando em diversos nichos. Este presente estudo científico tem por objetivo analisar um dos mais novos conceitos de família do século XXI: casais homoafetivos e a adoção, e seu reflexo na sociedade contemporânea. A dada produção “De repente, Califórnia” (Shelter, nome original) traz, dentre outros aspectos, esse fator até então pouco explorado. Tendo por base protocolos e manifestos que asseguram os direitos dos homossexuais e, além, um documentário que trata da figura do homossexual nas produções hollywoodianas, este estudo convergirá sob a teoria multiperspectívica do comunicólogo norte-americano Douglas Kellner, sobretudo, para compreender as diversas dimensões que toma o assunto.

Palavras-chave: Homoafetividade; Hollywood; Douglas Kellner; Filme; Multiperspectívico.

Introdução

O filme estadunidense Shelter (no português, “*De repente, Califórnia*”), estrelado por Trevor Wright, Brad Rowe e Tina Holmes, dirigido por Jonah Markowitz, leva o espectador a uma realidade exposta de forma sutil: a adoção de crianças por casais homossexuais. Zach, o protagonista, é forçado a desistir do sonho de entrar para uma renomada escola de artes, para cuidar de sua irmã mais velha, Jeanne, e seu sobrinho, Cody, que o considera um verdadeiro pai. Shaun, escritor e irmão do melhor amigo de Zach, regressa à cidade em busca de inspiração para escrever seu próximo livro. Daí em diante, Shaun e Zach envolvem-se num relacionamento conturbado até o desfecho da história, em função dos transtornos de identidade pelo qual Zach passa. Jeanne, fútil e egoísta, renega o irmão apesar de sempre depender dele. No final, ela

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, e-mail: joao.ricardo.91@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, e-mail: joselinepippi@unipampa.edu.br



deixa seu filho, Cody, com Zach e Shaun para morar com o seu namorado em outra cidade, enquanto Zach vai em busca de seu sonho como artista, acompanhado de Shaun e Cody, ao ser aceito novamente na escola de artes.

“Os valores de resistência, participação, democracia e liberdade são adotados como normas positivas, usadas para criticar formas de opressão e dominação” (KELNNER, 2001). O assunto é polêmico. Ainda existem preconceitos, dogmas, e dúvidas que cerceiam esse tema, e o objetivo deste estudo é evidenciar como um filme pode influenciar a política de vida de quem o assiste e como as transformações sociais podem acontecer por esse motivo, através da visão multicultural de Kellner.

A priori, é necessário que seja esclarecido o que é a homossexualidade. Trata-se do atributo, característica ou qualidade de um ser – humano ou não – que sente atração física, emocional ou estética por outro ser do mesmo sexo. Também pode adquirir maneiras e costumes, e ainda se integrar a grupos onde outras pessoas compartilhem desta característica.

É, junto com a bissexualidade e a heterossexualidade, uma das três principais categorias de classificação do comportamento sexual humano. Antigamente, chegou a ser considerado distúrbio, doença ou perversão até desbancarem estes conceitos. Os estudos em torno do assunto apontam números que variam de 12% da população com tendências homossexuais, à 22%. Durante a história da humanidade, a homossexualidade foi adorada ou condenada, de acordo com as normas sexuais vigentes de cada cultura, e, atualmente, luta para firmar seus direitos dentro da sociedade.

Até 1892, não existia homossexualidade. Havia, certamente, mulheres e homens que mantinham relação sexual com parceiros do mesmo sexo e que podiam tornar-se alvo de reprovação ou punição por transgressão sexual. Porém, esses atos não os marcavam como pessoas inerentemente ou fundamentalmente diferentes das outras. Em suma, a atividade sexual não constituía um marcador ou determinante da identidade (VIEIRA, 2009, p.489).

Todavia, a história contemporânea nos mostra que a realidade é outra. Houve a separação dessas “classes sexuais” e, o que é pior, a tentativa de busca pela prova da superioridade entre elas, principalmente do heterossexual em relação ao homossexual. Por isso, compreender o panorama da sexualidade nos dias de hoje é fundamental para a



continuidade da análise do filme. Em seguida, entenderemos um pouco do contexto econômico e hegemônico da atualidade.

1 Os Donos do Mundo. Califórnia: O estado da Liberdade?

Subdivido em quarenta e oito estados e o distrito federal e sendo o quinto maior país em termos de extensão geográfica, os Estados Unidos da América representa, dentro do mercado econômico mundial, a incrível percentagem de um quinto do PIB por paridade de poder de compra. Isso se deve à política capitalista bem sucedida e ao notável investimento em educação e tecnologia.

No âmbito militar, a política de restrição conhecida como “*Don’t ask, don’t tell*” (Não pergunte, não diga) para os esforços de detecção e revelação de membros homossexuais é uma tentativa de prevenir a admissão desses cidadãos, pois “poderia criar um risco inaceitável para os padrões de alta da moral, da ordem e da disciplina e coesão das unidades que são a essência das capacidades militares”, de acordo com militares.

Destacaram-se na indústria automobilística (com montadoras renomadas como a General Motors, a Ford, entre outras), na informática (com a guerra da informação entre a Microsoft e a Apple) e na cinematográfica (com os maiores e melhores estúdios de cinema, como a Paramount Studios, Universal Studios, CBS Columbia Square, e com figuras de destaque no âmbito empresarial e produtor, como Walt Disney).

Hollywood, o renomado bairro de Los Angeles, concentra os estúdios de cinema citados acima. Aliás, Hollywood é utilizada como metonímia quando se referem à indústria cinematográfica, devido à concentração de poderosas empresas do ramo. Juntas, puderam ajudar a configurar a identidade dessa nação, a desenvolver o poder da influência através dos filmes, e a consolidar a imagem imperialista dos Estados Unidos. Filmes como *Star Wars* (1977), *Titanic* (1997), *O Senhor dos Anéis* (2002), são exemplos de produtos culturais que invadiram as casas das pessoas e provocou, de alguma forma, uma transformação através da influência.

A maior potência do mundo, trouxe – como veremos no item 3 - todas as maneiras possíveis de como agir diante do sujeito homossexual. O cinema foi, sem dúvidas, a principal ferramenta de disseminação de conceitos e comportamentos. Esses filmes, ou Produtos Culturais, ditavam as regras que iriam reger as sociedades americanizadas. Isso ocorreu devido à ascensão de Hollywood, que aconteceu

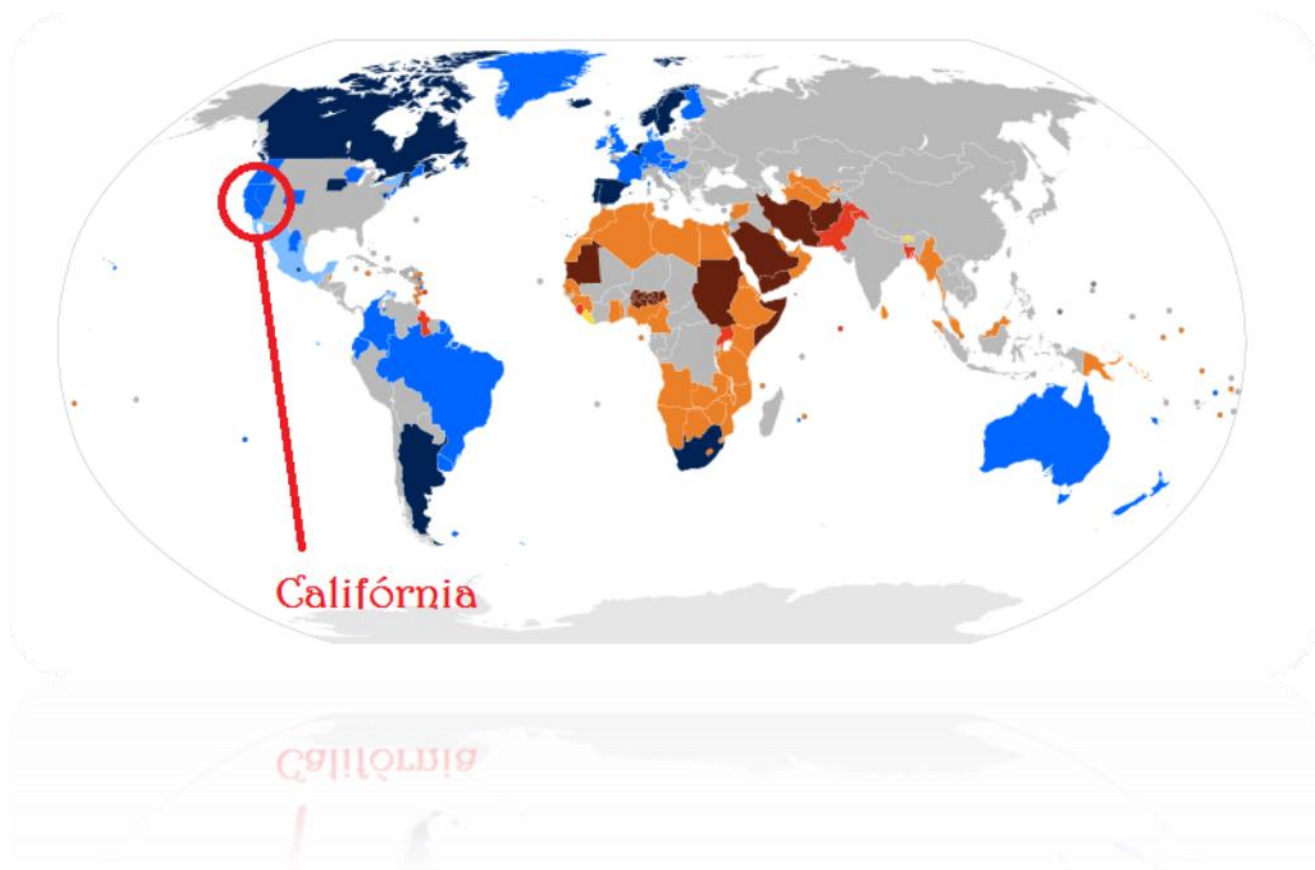


rapidamente, e principalmente por questões políticas. É óbvio que a indústria cinematográfica representava um forte poder econômico dentro e fora dos EUA, porém, além disso, tudo que era veiculado pelos filmes hollywoodianos tornava-se tendência, e a expressão político-social impressa nesse esquema poderia atrair muito mais a atenção dos governantes, pois transformaria todo esse processo num ciclo vicioso, consolidando a hegemonia estadunidense. Em outras palavras, a produção das tendências e o seu lucro estariam diretamente ligados ao interesse político em ditar o comportamento da sociedade em relação ao que consideram de seu interesse.





E é na Califórnia que encontramos a diversidade do povo americano. Principalmente a diversidade caracterizada pela homossexualidade. É comum vermos cenas em filmes ou séries, de alamedas onde se estende sobre uma sacada uma bandeira do arco-íris, símbolo GLS. O estado representa, sim, um avanço ético e moral, exemplo para os outros que ainda permanecem estagnados no progresso libertador. Recentemente, numa declaração pública no dia 08 de fevereiro, no ano de 2008, Matt Foreman, diretor executivo da Força Tarefa Nacional Gay e Lésbica, chocou a classe homossexual com a seguinte declaração “Internamente, quando esses números são divulgados, a classe de militantes gays parece reagir com indiferença em massa, como se isso não fosse nosso problema. Gente, com 70 por cento dos portadores do HIV deste país sendo gays ou bissexuais, não podemos negar que o HIV é uma doença gay. Temos de aceitar isso e enfrentar a verdade”. Um ano antes de Foreman, a diretora-executiva do Centro Gay e Lésbico, Lorri Jean, proferiu as mesmas palavras.

Todavia, motivo de comemoração foi a aprovação do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Depois de Massachussets, a Califórnia, em outubro de 2009, se firmou como o segundo estado dos EUA a apoiar o casamento gay. O infográfico abaixo mostra a situação mundial desse tipo de união.





União entre pessoas do mesmo sexo pelo mundo:



Legal:

-  Casamento do mesmo sexo
-  Outro tipo de parceria (ou coabitação não registrada)
-  Licenças de união internacionais reconhecidas
-  Não há uniões do mesmo sexo

Ilegal:

-  Penalidade mínima
-  Grande penalidade
-  Prisão perpétua
-  Pena de morte

(fonte: Wikipédia)

2 Princípios de Yogyakarta e Direitos Sexuais

É evidente a discriminação sofrida pela porcentagem significativa de pessoas que se enquadram na condição de homossexuais. “Hoje, no mundo, setenta e cinco países ainda criminalizam a homossexualidade, sendo que sete deles ainda punem esses indivíduos com pena de morte”, segundo Toni Reis, presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Entretanto, a luta pelos direitos corre de maneira progressiva.



Assim, durante um congresso, em 2006, na cidade de Yogyakarta, na Indonésia, vinte e nove especialistas adotaram os “Princípios de Yogyakarta sobre a aplicação da Legislação Internacional de Direitos Humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero”, no qual promove a luta pela liberdade e igualdade. O artigo encontra-se disponível na web desde o ano de 2007 e foi traduzido do inglês oficialmente para as línguas espanhola, russa, árabe, mandarim e francesa. De início temos que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, que cada pessoa tem o direito de desfrutar os direitos humanos sem distinção de qualquer tipo, tal como raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra opinião, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outro status”. Continuamos, “historicamente pessoas experimentaram essas violações de direitos humanos porque são ou são percebidas como lésbicas, gays ou bissexuais, ou em razão de seu comportamento sexual consensual com pessoas do mesmo sexo, ou porque são percebidas como transexuais, transgêneros, intersexuais(...)”, e por aí vai.

A Declaração dos Direitos Sexuais, estabelecidos durante o XIII Congresso Mundial de Sexologia, em Hong Kong, na China, em 1997, pondera, dentre alguns tópicos, os seguintes relevantes ao tema abordado aqui: O DIREITO À LIBERDADE SEXUAL - A liberdade sexual diz respeito à possibilidade dos indivíduos em expressar seu potencial sexual. No entanto, aqui se excluem todas as formas de coerção, exploração e abuso em qualquer época ou situação da vida; O DIREITO À AUTONOMIA SEXUAL - INTEGRIDADE SEXUAL E À SEGURANÇA DO CORPO SEXUAL - Este direito envolve habilidade de uma pessoa em tomar decisões autônomas sobre a própria vida sexual num contexto de ética pessoal e social; O DIREITO À IGUALDADE SEXUAL - Liberdade de todas as formas de discriminação, independentemente do sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião, deficiências mentais ou físicas; O DIREITO À EXPRESSÃO SEXUAL - A expressão sexual é mais que um prazer erótico ou atos sexuais. Cada indivíduo tem o direito de expressar a sexualidade através da comunicação, toques, expressão emocional e amor; O DIREITO À LIVRE ASSOCIAÇÃO SEXUAL - Significa a possibilidade de casamento ou não, ao divórcio e ao estabelecimento de outros tipos de associações sexuais responsáveis; O DIREITO À EDUCAÇÃO SEXUAL COMPREENSIVA - Este é um processo que dura a vida toda, desde o nascimento, e deveria envolver todas as instituições sociais.



O filme não aborda em si os direitos humanos ou até mesmo esse viés estabelecido pelos Princípios de Yogyakarta ou os Direitos Sexuais, contudo, constantemente subentende-se durante o desenrolar da trama, que o protagonista se preocupa com as reações à sua volta, principalmente de sua irmã. Shaun, gay assumido, explica numa cena, que escreveu um livro três anos atrás – e aí fica evidente que ali ele se revelava para o mundo -, mas é surpreendido quando Zach lhe conta que leu seu livro naquela época ainda. Então, curioso, Shaun lhe pergunta o motivo de nunca ter lhe contado ou de seu irmão, melhor amigo de Zach, nunca ter mencionado que o garoto havia lido seu livro, e então Zach responde que nunca havia contado a Gabe que chegou a ler o livro de Shaun. Talvez pelo fato de ser novo demais e a sexualidade ainda estivesse se desenvolvendo, mas a realidade é que a maioria dos homossexuais – e isso não é uma generalização infundada -, pelo menos de início, tende a esconder o que faz ou pensa em relação a esse tema. É muito provável que o personagem Zach tenha escondido de todos que leu um livro escrito por um gay, no qual o autor ainda mencionava sua condição sexual nele. “Quem diria que havia tanto drama dentro dos portões do Pacific Blush”, caçou Zach aos 26min de filme.

Um drama vivido por Shaun e retratado de maneira não-ficcional naquela obra. Talvez o livro seja até mesmo de um gênero mais dramático, mas o que realmente importa é que Zach se identificou com os problemas vivenciados pelo irmão do melhor amigo e buscou, então, soluções por meio daquela obra.

4 O Outro Lado de Hollywood

O documentário “O Outro Lado de Hollywood” é um item que não poderia ser deixado de fora. O mesmo trata da imagem do personagem gay nos filmes hollywoodianos numa linha temporal que se estende do início do século XX até os anos 90. Nesse período, a homossexualidade foi retratada de diversas formas, mas jamais como alguma coisa boa. No início, era a “carta na manga” para o humor. Em seguida os gays deveriam sentir pena de si mesmos nos filmes que rodavam no meio do século. Até o momento em que a revolta contra eles era retratada nos filmes com o sentimento do medo. A mensagem era evidente: matem todos os homossexuais. A partir daí, a “pedagogia dos oprimidos” (Freire *apud* KELLNER, 1972) se adéqua perfeitamente quando propõe que o oprimido pode ver sua própria opressão, dar nome a seus opressores e articular os objetivos e as práticas de libertação (que se refletem nos filmes



de hoje, onde o homossexual ganha cada vez mais espaço e respeito dentro da sociedade).

Baseado no livro homônimo de Vito Russo, *O Outro Lado de Hollywood*, produzido em 1995, conta com a declaração de cineastas, escritores, roteiristas e atores de peso como Tom Hanks e Whoppi Goldberg. A coletânea de cenas evidencia fatos que passavam despercebidos pelos olhares do público. Um belo exemplo é o dos personagens “O Gordo e o Magro” que reconstroem de maneira *inocente* o amor, com o seguinte diálogo: “Ela disse que eu amava você ao invés dela”, disse o Magro. O Gordo se volta para ele e responde “e não ama?”.

O estudo cultural crítico adota normas e valores com os quais critica textos, produções e condições que promovam opressão e dominação. Valoriza positivamente fenômenos que promovam a liberdade humana, a democracia, a individualidade e outros valores que, por ele adotados, são defendidos e valorizados em estudos e situações concretas. No entanto, o estudo crítico da cultura da mídia também pretende relacionar suas teorias com a prática, desenvolver uma política de contestação que vise a imprimir rumos progressistas à cultura e à sociedade contemporâneas contribuindo para desenvolver uma contra-hegemonia à hegemonia conservadora dos últimos anos. Uma perspectiva crítica vê a cultura como algo inerentemente político e, em muitos casos, como algo que fomenta determinadas posições políticas e funciona como força auxiliar de dominação ou resistência (KELLNER, 2001, p.125).

5 A Proposta de Shelter

O filme retrata a vida difícil de um rapaz que abdica da própria felicidade para tentar salvar o resto de ideologia de família que ainda lhe sobra. Zach cuida do sobrinho, Cody, de aproximadamente 10 anos de idade; cuida da irmã, Jeanne, que, por sua vez, vivencia uma dependência de remédios para aliviar o estresse provocado pelas frustrações amorosas pelas quais sempre passou; além deles, o rapaz toma conta do pai, que tanto dentro do filme quanto dentro da família, não passa de mero coadjuvante. Contudo, é o fato de Zach trazer consigo a condição de homossexual e a tortura de sufocar isso – por medo de rejeição, vergonha -, que faz com que a trama se enquadre nas condições propostas por Kellner para que um produto cultural possa representar a



ideologia da liberdade revestida pela utopia do amor perfeito – quando Zach reencontra Shaun -.

Um filme que retrata a vida de forma multiperspectívica, como esse, transporta o espectador a realidades que variam de um extremo ao outro. O filme pode ser interpretado pelo viés preconceituoso de Jeanne, pelo viés do “grande amor da vida” de Zach e Shaun, pelo viés dos transtornos de identidade e imposição – e exposição – do verdadeiro “eu” de Zach, pelo viés legislativo e emocional que envolve o pequeno Cody, pelo viés machista do melhor amigo de Zach, Gabe, pelo viés da tentativa de fuga da realidade de Zach ao se envolver com a melhor amiga, Tori, e assim por diante...

Entretanto, vale ressaltar que a trama tenta exprimir o ser humano de forma equilibrada, variando os personagens com defeitos e qualidades que têm diferentes pesos na balança da mente de cada espectador. Exemplo: em diversas partes do filme, como no minuto 59min 31seg que se estende ao minuto 59min 50seg, Gabe, amigo de infância do nosso protagonista relata, de maneira machista e dominadora – o que se enquadra perfeitamente na nossa época -, suas intenções e experiências sexuais com as mulheres. Isso provocaria de imediato, para o público que se identificasse com Zach, uma possível revolta com o personagem Gabe, por querer “mostrar que é homem de verdade”, e ainda, revolta com o protagonista, que se sujeita a ouvir esse tipo de coisa para viver uma vida que não lhe pertence. Todavia, é para o final do filme, entre os minutos 1h 02min 36seg e 1h 04min 44seg, que a redenção de Gabe vem, quando o mesmo afirma que não se importa com a orientação sexual do amigo e que isso não deveria mudar a relação deles, mostrando que a amizade entre os personagens estava muito além da condição sexual de cada um.

Isso também acontece com Jeanne, teoricamente a vilã da história. Sem grandes ambições, a irmã de Zach, sempre que podia, avisava-lhe de um novo emprego disponível em alguma lanchonete, ou bar, o que frustrava ainda mais o rapaz, pois se dava conta do abismo de ideais que havia entre os dois.

E é toda essa batalha de ideologias que configura o cenário da família ideal. O filme mostra como uma família composta por pai, irmã e sobrinho – sob o ponto de vista de Zach -, pode ser extremamente desestruturada e sem alicerces como valores e princípios que norteiam a vida de um ser humano, para assim, dar lugar ao novo conceito de família, peculiar e, sobretudo, abominável para os homofóbicos, representada pela união de dois homens, e ainda, a tutela de uma criança.



Apologia? Não. Crítica? Não. Utopia? Não. Isso tudo pouco importa. Lembremos que estamos falando de um produto cultural, e que, como tal, deve atingir única e exclusivamente um objetivo: lucro. E porque não se aproveitar das faltas da sociedade, de seus complexos e suas falhas? Isso vende. Não podemos dizer que o filme foi feito assim por mero acaso, de forma alguma. Mas também não podemos afirmar que não houve intenções em sua produção. No final das contas, as transformações políticas refletidas na sociedade é que evidenciarão as conseqüências da mídia e de seus produtos.

Referências bibliográficas

- VIEIRA, Luciana. **As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana**. Revista Mal-estar e Subjetividade, vol. IX, número 2, 2009.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- Princípios de Yogyakarta disponível em <www.yogyakartaprinciples.org>. Acesso em 24 de novembro.
- Direitos Sexuais disponíveis em <www.ibiss.com.br>. Acesso em 24 de novembro.